

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
LUCINÉA DOBRYCHLOP**

DE TUDO O QUE SUA AVÓ LHE ENSINOU, O QUE EM VOCÊ FICOU?

**CURITIBA
2015**

LUCINÉA DOBRYCHLOP

DE TUDO O QUE SUA AVÓ LHE ENSINOU, O QUE EM VOCÊ FICOU?

Trabalho de conclusão do curso de
Especialização em Educação das
Relações Étnico-Raciais, do Setor de
Educação, Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Prof.^a M.^a Judit Gomes

**CURITIBA
2015**

AGRADECIMENTOS

À Judit Gomes pela orientação e acompanhamento de todo o processo da pesquisa.

À Universidade Federal do Paraná que prestou grande serviço na formação dos profissionais da educação com o curso Educação nas Relações Étnico-Raciais.

À Fabíola Beatriz Franco Souza pelo acompanhamento como tutora durante o percurso das aulas.

Às senhoras que contribuíram para a produção deste trabalho através das ricas conversas: Dirce Maria dos Santos, Eunice Willy Dias, Jacyra Sabino e Vera Freire.

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta refere-se a um breve histórico das brincadeiras de meninas negras, enfatizando a cultura oral que os idosos repassam e repassaram para seus descendentes no contexto da cidade de Curitiba nas décadas de 30 e 50. Para tanto, narra-se também a situação da mulher negra no Brasil tanto quanto às questões de trabalho, questões de formação, como quanto a sua vida na terceira idade, entendendo que a menina que brinca é também a menina que ensinará outras crianças a brincar. Esta narrativa também se fez através das entrevistas desenvolvidas para esta pesquisa. Este trabalho traçou-se desta forma por conta da característica do povo africano que destina respeito e valorização dos conhecimentos dos seus idosos de forma destacada na sua cultura.

Palavras-chave: Brincadeiras; Cultura africana; Mulheres negras.

ABSTRACT

The research presented here refers to a brief history of black girls' play, emphasizing the oral culture that the elderly pass on and passed on to their descendants in the context of the city of Curitiba in the 1930s and 1950s. The situation of the black woman in Brazil as well as the issues of work, questions of formation, as well as her life in the third age, understanding that the girl who plays is also the girl who will teach other children to play. This narrative was also made through interviews developed for this research. This work was traced in this way because of the characteristic of the African people who destine respect and appreciation of the knowledge of their elders in a prominent way in their culture.

Keywords: Play; African culture; Black women.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - PAULINO, R. Série Bastidores. 1997. Xerox transferido sobre tecido, com bordados. 31,3 cm x 31 x 1,1cm.	12
Figura 2 – Carteira de Identidade de Dona Dulcinéa Nazario Sabino. Acervo pessoal.	22
Figura 3 – Jogos Infantis, Pieter Bruegel, 1560.	29
Figura 4 – Relato de brincadeira. Dona Eunice.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A MULHER NEGRA.....	12
2 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS.....	19
2.1 JACYRA, A COZINHEIRA	20
2.2 EUNICE E SUA IRMÃ DIRCE, COMPANHEIRAS SEMPRE.....	22
2.3 VERA FREIRE, A PROFESSORA.....	24
3 A MEMÓRIA E AS BRINCADEIRAS.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como ideia norteadora um ditado popular da África, que diz: *“cada vez que um velho morre na África, é uma biblioteca que se queima”*; que nos faz pensar sobre a valorização que os africanos e afrodescendentes dão ao idoso. Neste sentido, este trabalho busca analisar as brincadeiras tendo como referência as memórias dos mais velhos de quando estes ainda eram crianças. As brincadeiras podem ser consideradas como uma atividade estreitamente ligada aos conhecimentos de diferentes grupos de pessoas, neste caso os afrodescendentes, ou mais precisamente nesta pesquisa, das mulheres negras em sua cultura.

Pensando nas mulheres e na sua etnia – negra – e também na categoria idoso, uma vez que é o velho que é entendido nas comunidades africanas como aquele que detém o conhecimento, é que a pesquisa se dá por meio do conhecimento sobre quem são as mulheres negras no Brasil, procurando entendê-la como a menina que um dia foi, a adulta que trabalhou, teve filhos, e, a avó que hoje esta próxima dos seus netos e para quem pode ensinar um pouco do tudo que aprendeu na sua vida, inclusive seus conhecimentos sobre as brincadeiras infantis.

A pesquisa destina-se a explorar o universo feminino nas questões do brincar, por conta da interseccionalidade, ou seja, a mulher como sujeito de preconceito, tanto racial, quanto de gênero.

Para desenvolver esta pesquisa, foram utilizadas diferentes fontes textuais, entre elas Maria dos Santos Walburga e Jucélia Ribeiro, sendo que ambas tratam em seus textos e pesquisas das brincadeiras infantis de comunidades quilombolas, e, a entrevista com quatro mulheres negras, com idade acima de sessenta anos, a fim de se perceber se as brincadeiras fizeram parte de suas respectivas trajetórias na infância, bem como de que forma elas procedem para que essas lembranças sejam compartilhadas com seus descendentes, como os filhos, filhas, netos, netas.

Porém, para se aproximar dos conhecimentos relacionados às brincadeiras como uma atividade de lazer e cultural das meninas negras de mais de sessenta anos atrás, é que foi preciso antes aprofundar leitura, diálogos entre as fontes bibliográficas e reflexões sobre o perfil da mulher negra no Brasil, como Dossiê das Mulheres Negras no Brasil e o material que compõe a História Geral da África produzido pela UNESCO.

Sobre essa mulher negra, além de situá-la no tempo, foi necessário trazer sua trajetória como uma história individual que se construiu em particularidade nas suas vivências e experiências, não só como menina, mas também como a mulher adulta, mãe, avó, esposa, assim como suas relações de poder dentro dos grupos sociais aos quais convive e conviveu, como o grupo de familiares, trabalho, escola e faculdade entre outros.

Esta trajetória é importante de ser trazida para a pesquisa porque é através dela que podemos confrontar o que há de senso comum com o que há de senso crítico do conhecimento das pessoas envolvidas com as questões étnico-raciais.

Assim buscaremos compreender a vida das meninas e mulheres negras com a finalidade de refletir sobre estas, bem como de suas histórias, saberes e fazeres culturais e ocasionando facilitadores da inclusão social de todos.

Para as entrevistas, procurou-se por mulheres idosas e negras próximas do meu cotidiano que pudessem colaborar para a pesquisa. Como precisaríamos de narrativas pessoais, pensamos que as pessoas de proximidade afetiva pudessem se sentir mais à vontade para contar sobre suas trajetórias e sobre suas infâncias.

Das quatro senhoras entrevistadas, duas delas são vizinhas e as outras duas são pessoas com as quais trabalhei no mesmo espaço e acabamos construindo laços de amizade. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente.

Destas entrevistas três foram realizadas pessoalmente com a conversa sendo gravada. Duas entrevistas tiveram um tempo de duração de aproximadamente quarenta e cinco minutos. Uma das senhoras, que não tinha muita lembrança para compartilhar, teve sua entrevista gravada em um tempo aproximado vinte minutos.

A quarta entrevistada foi a que mais gostou da conversa, e, embora também tenhamos gravado essa entrevista, pediu se podia escrever num caderno as respostas do que era perguntado, pois considerou que assim seria mais didático. Assim foi feito, o caderno foi para a casa dela com as perguntas que foram feitas oralmente e gravadas. Voltava com respostas e ela pedia que escrevesse mais perguntas. O caderno foi e voltou três vezes, e, agora temos mais este registro que trata de vários aspectos da vida desta entrevistada.

No decorrer do trabalho, veremos que no capítulo 1 as condições com que a mulher negra vive no Brasil e as características que o preconceito racial e de gênero lhe impõe nas relações de trabalho e convivência familiar e social. Em continuidade no capítulo 2, trataremos das memórias e trajetórias das quatro senhoras entrevistadas, contrastando com os dados dos textos lidos para esta pesquisa. No capítulo 3 teremos uma visualidade ampla sobre o brincar das entrevistadas quando crianças, tendo como complemento as pesquisas de mesmo tema de Maria dos Santos Walburga, entre outros pesquisadores e escritores, e, estabelecendo parâmetros com o conto “A Negrinha” de Monteiro Lobato.

As entrevistadas, mesmo sendo idosas, têm idades diferentes e profissões semelhantes. A primeira foi Dona Dirce Maria dos Santos, irmã da entrevistada Eunice. Ambas são vizinhas e nos conhecemos há mais de vinte anos. Dona Dirce nunca trabalhou fora, escolheu ficar em casa, cuidar do pai idoso e doente. Depois do falecimento deste, cuidou de sobrinhos. Hoje, com 84 anos de vida, mora sozinha e seus sobrinhos a visitam e cuidam de suas necessidades. Tem uma pensão que herdou do pai e passa os dias fazendo artesanato, como tricô e crochê.

Sua irmã, dona Eunice Willy Dias, hoje com 86 anos de idade, é uma senhora bastante ativa e cuidadosa com sua casa, principalmente com o jardim e com os temperos que usa na sua cozinha. Na sua vida profissional foi professora e se aposentou no magistério. Deu aula por longos anos, tanto em escolas do interior do Paraná, como no Colégio Estadual Paula Gomes, onde exerceu a maior parte do tempo de sua carreira, sempre trabalhando com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Foi uma das poucas professoras negras nas décadas de 60 e 70 e parte de 80 nas escolas em que atuou. Tem netos e sobrinhos-netos com os quais pode compartilhar seus conhecimentos e lembranças de sua vida.

A terceira entrevistada foi Jacyra Sabino, hoje com sessenta anos de idade e recém-aposentada. Passou a vida trabalhando duro com a mãe, que hoje é falecida e de quem a Jacyra sente muita saudade. Começou sua vida como uma espécie de diarista mirim. Passou a ser conhecedora das atividades culinárias, cozinhou para os CMEIs (Centro Municipal de Educação Infantil) de Curitiba, sempre fazendo um extra como faxineira nas casas de quem solicitava seus serviços. Hoje vive com seu segundo marido, viaja, faz aulas de pintura em tela e atividades físicas na academia

perto da sua casa. Jacyra tem netos, porém além destes, compartilha seus saberes também com as crianças dos vizinhos e amigos. Gosta muito de crianças.

A quarta e última senhora se chama Maria Vera Freire. Senhora de sessenta e cinco anos, aposentada e muito ativa. Hoje viaja, passeia, faz aulas de pintura em tela. Vive a vida na sua maior plenitude possível. Passou por situações difíceis na sua infância e, mais difícil ainda, entender como superou e hoje é uma mulher de humor satírico e inteligente. Sua mãe saiu da casa onde morava com o pai dela, sendo que ela e seu irmão eram ainda muito pequenos. A Vera estava com apenas dois anos de idade. A mãe veio para Curitiba com as crianças e para trabalhar, precisou colocar seus filhos em internatos da cidade. Foi aí que a Vera conheceu desde pequena o que são atitudes de discriminação e preconceito racial. Superou as dificuldades, cursou Magistério e Sociologia no Ensino Superior. Hoje vive com seu marido e têm dois netos, suas preciosidades como ela gosta de lembrar. É com eles que, além de seus filhos compartilha memórias e brincadeiras da sua infância.

As narrativas das trajetórias das entrevistadas se entrecruzam no texto da pesquisa com os materiais lidos para sua produção, apresentando suas formas de brincar e as relações estabelecidas com demais pessoas, como com as crianças com quem conviveram, amigos e irmãos, e com as pessoas da família, ou seja, os pais e mães, que muitas vezes foram os fornecedores dos brinquedos ou do repertório das brincadeiras da cultura popular.

É nessas relações entre as pessoas no brincar que poderemos notar as questões de preconceito racial presentes entre as pessoas envolvidas e como o conhecimento dos mais velhos passou-se para os mais jovens, seguindo a ideia da transmissão dos saberes nas diferentes gerações.

1 A MULHER NEGRA



Figura 1 - PAULINO, R. Série Bastidores. 1997. Xerox transferido sobre tecido, com bordados. 31,3 cm x 31 x 1,1cm.

A imagem acima é a reprodução de uma obra da artista Rosana Paulino, onde esta procura denunciar a condição de muitas mulheres negras no Brasil, ou seja, a condição de submissão a uma sociedade que por vezes se apresenta como machista e racista. Na imagem, podemos ver o retrato de uma mulher negra com a boca costurada, indicando-a a ser levada ao silenciamento.

Silêncio este que pode ser interpretado como uma invisibilidade da sua existência como um ser humano de direitos, em busca de conquistas de sua dignidade, uma vez que é esta mesma mulher que é excluída socialmente, sendo aquela que não teve condições de estudo, de trabalho, de formação de família, entre outros aspectos que compõem a vida de uma mulher, independente de raça, religião, classe social.

No momento em que vivemos, muito tem se debatido sobre a questão de gênero, e, no caso de mulheres negras, portanto também na questão étnico-racial, etnográfica, sabemos que esse grupo de pessoas possui características próprias de vivência que outras pessoas não puderam experimentar.

Na atualidade muitos pesquisadores, como por exemplo, Tatiana Dias Silva (2013) e Edilza Correia (2013), têm destinado esforços em suas pesquisas procurando descobrir o que de fato acontece para que parte de um grupo de

peessoas, no caso aqui as mulheres negras, vive uma situação de exclusão social, e, que caminhos poderiam ser trilhados para que tais desigualdades sociais sejam vencidas, garantindo à todos sua dignidade diante da vida.

Tais pesquisas levaram ao surgimento de um princípio que se chama interseccionalidade, que segundo Layla Daniele Pedreira de Carvalho tem por explicação:

A noção de interseccionalidade remete-se à acumulação, por uma pessoa, de várias marcas de subordinação, a qual leva à deterioração da forma de sua inclusão social. Dessa forma, a inserção social de uma mulher negra perpassa dois conjuntos de condicionantes que subordinam sua posição no espectro social: ser mulher e ser negra. (CARVALHO, 2013, p. 82)

Portanto, uma mulher ao se reconhecer negra, toda a carga de injustiça sobre sua pessoa passa a pesar, pois a partir destes reconhecimentos vem a necessidade da luta constante para se fazer forte e capaz de conquistar seus direitos numa sociedade considerada tão desigual.

Segundo o censo demográfico de 2009, “51,1% das famílias eram chefiadas por mulheres negras, com relação às famílias chefiadas por mulheres (brancas ou negras).” (SOTERO, 2013, p. 26). O que nos aponta para a observação das questões de luta diária destas mulheres para manutenção de uma casa e dos cuidados dos integrantes de sua família, como por exemplo, a escola dos filhos, a alimentação, a roupa, remédio e outros.

Avançando nessa linha de pensamento, chegamos ao estranhamento de o que sobra de tempo e disposição para a mulher que aqui estamos tratando, para seus estudos, seus cuidados pessoais, seu lazer, entre outros detalhes que envolvem o dinamismo do ser humano, já que boa parte do seu tempo é provavelmente destinado para o trabalho que traz proventos para a família.

Observando a vida de muitas mulheres negras, podemos perceber que na maioria das vezes estas não tiveram acesso aos estudos na idade correlata¹, que não puderam frequentar a escola e completar seus estudos, chegar a uma universidade, o que poderia lhes garantir melhores condições de emprego e com

¹ “...os negros são os brasileiros com menor escolaridade em todos os níveis e enfrentam as piores condições de aprendizagem e maior nível de defasagem escolar.” (SILVA, 2013).

salários mais adequados a fim de se ter uma melhor manutenção da sua própria vida, bem como de sua família. Como consta no Dossiê Mulheres Negras, do IPEA de 2013:

Isto, portanto, tem impacto na trajetória profissional das mulheres negras, pois estas vivenciam mais precocemente a concorrência entre trabalho e escola, o que pode implicar para elas em prejuízo imediato, cujos danos serão provavelmente sentidos na redução de chances de melhor alocação e ascensão profissional. (LIMA; RIOS; FRANÇA, 2013, p. 65)

Essas considerações são percebidas na carência das ações afirmativas que possam levar as mulheres negras a serem positivadas diante de si mesmas e diante da sociedade. Há naturalidade em se ver mulheres negras no trabalho de empregadas domésticas². O relato de Vera Freire nos confirma tal informação. Hoje, Vera, mulher e negra, morando num bairro de Curitiba considerado de classe média, numa casa de dois pavimentos, com garagem e jardim, ao se dirigir a caixa do correio, um moço branco que puxa o carrinho de materiais recicláveis, se dirige a ela e pede para falar com a dona da casa.

Vera Freire, em entrevista, narra tal fato e aponta para a questão do preconceito racial, pois sente que o moço ao se dirigir a ela não acredita na sua palavra e insiste em que esta chame “a dona da casa”.

O que pode também endossar a naturalidade com que as pessoas vejam as mulheres negras no serviço doméstico, são as imagens televisivas, que povoam o imaginário dos telespectadores, quando aparecem sempre tais mulheres nos serviços de empregada, sendo raro ver nas novelas e filmes mulheres negras como patroas de empregadas brancas, ou, mulheres negras em cargos de chefias.

A mulher negra passa, e passou, por inúmeras situações de preconceito e racismo que as mulheres não negras obviamente não passaram. É o que narra Jacyra Sabino por conta do seu sentimento sobre o não sentir-se bem ao entrar numa loja de departamentos bastante conhecida e tradicional de Curitiba, por ter ouvido falar histórias de pessoas que foram levadas para um quatinho porque pensava-se que havia furtado algo. Esta mesma entrevistada, mulher, negra e

² No Brasil, são 7,2 milhões de trabalhadores domésticos, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 93% são mulheres, totalizando 6,7 milhões de empregadas domésticas no país. Dessas mulheres, 4,1 milhões (62%) são negras.

servidora de creches³ municipais da mesma cidade, atuando como educadora, afirma que o racismo está presente de forma mais contundente nos adultos e é bem atenuante nas crianças. Com relação ao racismo, ela diz:

A criança, se ela nasce, ela nasce (racista). Já trabalhei em creche, tinha criança assim que Nossa Senhora... tem aquelas que não querem a gente assim de jeito nenhum, que não come com a gente, bebê... Até um dia que a escola saiu para passeio, indo pro quartel ali do Boqueirão, essa criança sentiu perdida lá no meio dos outros, era jardinzinho né, ...aí o quartel lá ligou aquele tanque de guerra, ele saiu gritando, a primeira pessoa que ele viu fui eu, ele veio pro meu braço... ali ele sentiu protegido com a nega, mas bebê ele comia, bebia, fazia ânsia, e era dele..." (JACYRA SABINO, 2015)

Em continuidade a essa conversa, a entrevistada conta que a mãe do menino era sua conhecida e que esta sentia muito que seu filho a tratasse assim, demonstrando resistência a sua aproximação.

Outra situação em que podemos perceber relações de preconceito racial em ambientes escolares vem na narrativa da professora Eunice Willy Dias, também mulher negra que atuou como professora do que se refere atualmente aos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas estaduais nas décadas de setenta e oitenta. Perguntada sobre se sentia alguma forma de racismo por parte de seus alunos, ela responde que teve poucos alunos negros e que sempre foi muito respeitada pelos alunos e colegas de trabalho, mas em uma determinada ocasião quando um menino branco chamou a coleguinha de "negrinha", que era de fato negra, conta:

"... quando eu entrei na sala (de aula), ela tava chorando, perguntei o porquê, aí os alunos contaram. Eu disse: você vai pegar o teu material, você vai lá no gabinete, e a dona Eunice não me quer mais como aluno porque eu fiz isso, isso e isso... Ele saiu da minha sala de aula e nunca mais voltou." (EUNICE WILLY DIAS, 2015)

³ A Lei de Diretrizes e bases para a Educação – 9394/96 – prevê a incorporação da Educação Infantil nos sistemas municipais de ensino. A partir de então as creches passam a assumir práticas de educação e cuidados que possibilitam o desenvolvimento do aluno em aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos/linguísticos e sociais. Então o nome "creche" dá espaço para Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIs.

Hoje, dona Eunice conta este episódio da sua vida demonstrando até orgulho pelo feito em sala de aula, orgulho pela sua atitude de ter demonstrado o valor positivo que a cor da pele da sua aluna e sua mesma também.

Estes relatos são exemplos de situações vividas por mulheres em ambientes que podem até ser considerados como espaço bastante femininos, já que por eles não circulam muitos homens destinados ao trabalho, pondo em evidência a relação do trabalho da mulher na educação formal, ou seja, de escolas. Sobre esta situação, Márcia Ferreira comenta em seu artigo:

Fala-se, também, da saída dos homens da docência de primeiras letras, atribuindo-se isso à criação de postos de trabalhos mais bem remunerados numa sociedade que amplia sua urbanização e seu sistema de produção. Sobre isso eu argumentaria que é mais preciso dizer não que os homens saíram da docência e as mulheres ocuparam seus lugares, mas que os homens não se interessaram em ocupar as novas vagas criadas, que foram, isso sim, tomadas por mulheres ávidas pelo direito ao trabalho e a ingressar em outros espaços públicos até então vetados a elas. (FERREIRA, 2015, p. 30)

Nesta citação, que narra um fato que teve seu início na segunda metade do século XIX, e, que vem se estendendo até os dias atuais, podemos perceber como o espaço educacional, tanto de CMEIs, como escolas do Ensino Fundamental, têm uma representatividade feminina bastante consistente no quadro de funcionários, bem como o motivo que levou esta formação.

Até aqui então, vemos que as mulheres negras tiveram e ainda têm muita dificuldade para ingressar no trabalho por conta do seu pouco estudo, por serem mulheres e por serem negras. As que conseguem trabalho geralmente é no cuidado de casa como empregadas domésticas ou no cuidado de outras crianças para que as mães destas possam ir ao trabalho. Poucas conseguem estudar e chegam à profissão de professora e educadora.

Porém há que se atentar também que todas envelhecem e atingem a terceira idade, ou seja, tornam-se idosas, pessoas com 60 anos de idade ou mais. Como cita o Estatuto do Idoso em seu Artigo 1º: “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.” E nesta fase da vida temos o resultado da trajetória nas lembranças e no corpo físico. É comum que nesta etapa as pessoas estejam

fragilizadas por problemas de saúde, em decorrência não só do tempo vivido, mas também em como este foi vivido. Assim diz Jurema Werneck:

“Assume-se que a qualidade de vida da população idosa depende das suas capacidades básicas, daquelas adquiridas ao longo da vida, das políticas sociais e das demais redes de apoio, tanto formais como informais. Considera-se que a família é uma das redes de apoio informais mais importantes.” (WERNECK, 2010, p. 15)

Portanto é na família que a idosa negra vem a se apoiar, contando com a convivência dos filhos, filhas, netos e netas. Nessa convivência, é que as relações continuam a acontecer, relações estas de poder e parceria quando possível. Podemos ver netos cuidando das avós, como também avós que cuidam dos netos para os pais trabalharem por exemplo. Isto porque as mulheres vêm tendo uma tendência maior a longevidade quando comparada aos homens. Assim:

Dentre os estudos sobre envelhecimento populacional, uma área que tem recebido bastante atenção é a "feminização da velhice". Dada a menor mortalidade feminina, as mulheres predominam entre a população idosa. Segundo o Censo Demográfico de 2000, por exemplo, 55% do contingente populacional brasileiro maior de sessenta anos era composto por mulheres. Entre os maiores de oitenta anos, essa proporção sobe para 60,1%. Além disso, é reconhecido que homens e mulheres vivem e envelhecem de forma diferenciada. (CAMARANO, 2003, p. 10)

Há famílias em que o idoso e a idosa não são respeitados em nos seus direitos. Para estes casos foi criado o Estatuto do Idoso em 2003 com o objetivo de tentar garantir que este grupo de pessoas tenha seus direitos respeitados, como cita em seu Artigo 4º:

“...nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.” (BRASIL, 2003)

Para o caso da mulher negra e idosa no Brasil, ainda podemos ver em Jurema Werneck que:

As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental

eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. (WERNECK, 2010, p. 16)

Notório que voltamos então à ideia do “silenciamento” que tratamos anteriormente, agora referindo-se às dificuldades ilustradas pelas narrativas apresentadas que as mulheres negras vivenciam no seu dia-a-dia, buscando se fazer visíveis e como pessoas que possuem direitos com relação a sua dignidade diante da vida.

2 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS

Na África é comum o ditado: “cada vez que um velho morre é uma biblioteca que se queima”. Esse ditado pode nos pôr curiosos a pensar, como ficam os ensinamentos hoje dos idosos aqui no Brasil nos núcleos de famílias negras, assim como é curioso pensar se as senhoras negras idosas de hoje tiveram oportunidade à momentos de lazer, de brincadeiras e quais delas são lembradas até hoje.

É possível pensar que a menina negra de mais de seis décadas atrás provavelmente começou a trabalhar muito cedo, seguindo um pensamento de senso comum, principalmente quando levamos em consideração opiniões que remontam à ideia de que a vida da “negra” está e esteve sempre direcionada ao trabalho, como que se fosse destinada a ser subordinada ao trabalho, sem chances de estudar e brincar.

Esta curiosidade faz com que vamos ao encontro das senhoras que podem nos contar o que houve nos seus respectivos passados e que podem confirmar o que do senso comum há na realidade e o que extrapola as ideias que consideramos prontas sem antes ouvi-las.

“Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.” (POLLAK, 1989, p. 3). Por isso podemos pensar na importância das histórias de vida narradas pelas senhoras negras, não só para os futuros conhecedores de maneira geral destas narrativas, como também para as outras mulheres negras, pois percebemos que há muito de semelhança entre as entrevistadas no que se refere às suas construções na vida.

Indo em busca de suas histórias de vida, de suas tradições perpetuadas ou não, o que houve com os conhecimentos dos seus ancestrais, chegamos a narrativas que não são descontextualizadas de uma trajetória e que compõem a memória das senhoras entrevistadas, ou seja, em busca da manutenção de uma cultura, ou não, é preciso partir do contexto de suas vidas, pois é lá que está sua vivência com relação aos seus conhecimentos ou construção destes.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. (POLLAK, 1989, p. 15)

Ao se ouvir as narrativas das senhoras e registrá-las neste texto, buscamos trazer a história que não é tratada como oficial, por não estar contemplada nos livros de história que narram as diversas situações das mulheres negras no nosso país.

Passado os anos, encontramos as entrevistadas em “harmonia” com suas vidas. Construíram famílias, hoje possuem uma aposentadoria com qual é possível viver com dignidade, todas tem seus maridos como companheiros, todas tiveram pai ou mãe distante de sua educação, todas tiveram que ser muito fortes para poderem sobreviver às suas respectivas trajetórias aqui narradas, encontrando diferentes situações de preconceito, racismo, discriminação que a sociedade lhes ofereceu e ainda oferece.

2.1 JACYRA, A COZINHEIRA

Uma das entrevistadas, Jacyra, conta que começou sua vida de trabalho ainda menina ajudando a mãe nos afazeres da casa em que a mãe era a empregada doméstica. A mãe lhe pedia que arrumasse as camas da casa, engraxasse os sapatos do patrão. A Jacyra conta que foi um período bom, que era bem tratada por todos da casa em que morava com sua mãe. Lembra do endereço até hoje: José de Alencar, 739, Alto da XV. Às vezes passa por lá, mas a casa que morou já foi demolida e há outro prédio no lugar.

Nesse período da sua vida, estudou no Colégio Julia Wanderley, junto das outras crianças da casa, os filhos e filhas da patroa. Usavam ônibus de linha para ir à escola, mas ela sempre sabia qual era o seu lugar na casa, o de empregada. Lembra que fazia as refeições em separado, sempre depois que os donos da casa já tivessem terminado, era à ela a quem os filhos da patroa pediam para buscar um brinquedo ou casaco esquecido.

Jacyra conta que não chegou a conhecer o seu pai, é a filha mais velha do casal, depois dela, nasceu a irmã Jussara, que foi criada pelos avós maternos. Seu irmão nasceu doze anos depois, Jomar, filho de um segundo companheiro da mãe. Segundo os registros de nascimento, todos os três filhos de sua mãe tem como pai seu Manoel Sabino, fato que a Jacyra não consegue explicar, por não lembrar de nenhum contato com este senhor em toda sua vida.

Houve um período de sua infância que Jacyra precisou ficar num internato para meninas em Campo Largo. O nome da instituição ela não lembra, nem como foi parar lá. Recebia visitas de finais de semana de sua mãe. Sabe que foi lá que brincou muito com outras meninas, além de trabalhar na manutenção da escola e na horta.

Lembra-se desse período e diz que contava com aproximadamente nove anos de idade. Da sua lembrança, surge uma senhora chamada Dona Julieta, com quem sua mãe falava num local perto da Igreja da Ordem, em Curitiba. Segundo a Jacyra, era uma espécie de Conselho Tutelar, que conseguia as vagas para as meninas que precisavam ficar internas.

Sobre o tempo que ficou interna, Jacyra narra:

“Colégio foi uma humilhação, foi mais humilhação que casa de família... era uma separação assim entre os mais pobres e os menos pobres... e o pior ainda era negro para as irmãs ucranianas.” (JACYRA SABINO, 2015).

Aqui a entrevistada se refere ao colégio que era administrado por freiras de uma congregação ucraniana.

Ainda deste tempo, lembra dos seus domingos: “Era triste quando escutava aquele barulho de trem. Digo: *a minha mãe vai tá chegando...* porque sabia que ela ia me ver e depois já ia embora.”

Quando adulta continuou seguindo os passos da mãe, trabalhando de diarista e cozinheira. Teve seus períodos de cozinha industrial, chegando a trabalhar novamente lado à lado com a mãe, até fazer concurso público para cozinheira para atuar nos CMEIs de Curitiba.

Hoje, guarda memórias de sua mãe em papéis com cuidado como se fosse tesouro. Um deles é a carteira de identidade de Dona Dulcinéia Nazario Sabino.



Figura 2 – Carteira de Identidade de Dona Dulcinéa Nazario Sabino. Acervo pessoal.

Sobre esse documento, Jacyra lembra que sua mãe tinha o maior orgulho dele, comentava que seu documento era diferente do de todo mundo, que parecia mais um passaporte.

2.2 EUNICE E SUA IRMÃ DIRCE, COMPANHEIRAS SEMPRE

Já dona Eunice, traçou um caminho diferente de sua mãe e seu pai, quer dizer não seguiu a mesma profissão. Quando seu pai chegou a ela e a sua irmã e perguntou o que elas queriam fazer, quando ainda eram jovens, dona Eunice respondeu: “Quero ser professora”.

Era uma das filhas caçulas do total de onze irmãos. Seu pai, alfaiate e sua mãe do lar, não pouparam esforços para que ela estudasse, o que não aconteceu com a irmã Dirce Maria dos Santos, dois anos mais nova, pois esta não manifestou interesse na época em continuar os estudos, pelo menos como conta Dona Eunice, que frequentou o curso de normalista no Instituto de Educação Professor Erasmo

Pillotto e exerceu uma linda carreira como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Lembra que ela e a irmã ainda meninas, morando nas mediações da Rua República Argentina no bairro Portão, iam a pé para a escola Água Verde, atual Escola Estadual Barão do Rio Branco. Como eram pobres, iam andando na geada com suas sandálias e pouco casaco.

A irmã de Dona Eunice, a dona Dirce, quando perguntada sobre a continuidade de seus estudos, explica que precisou parar de estudar para cuidar do pai que era idoso e doente, uma vez que ficaram órfãs de mãe muito cedo, quando estava com treze anos de idade apenas.

Dona Dirce lembra com lamento do dia do falecimento da sua mãe: “Lembro como se fosse hoje, minha mãe no caixão na sala, e a vaca colocou a cabeça pela janela para dentro. A vaca olhou o caixão e mugiu.” (Dirce, 2015)

Essa memória de dona Dirce tem relação direta com o comentário de J. VANSINA: “A história das famílias pode ser estabelecida com base nos nascimentos, que constituem um calendário biológico.” (UNICEF, 2010, p. 154). Porém no caso aqui, com um falecimento, não com um nascimento.

A memória de dona Dirce se perde, talvez pelo fato da idade avançada. Ela se confunde com algumas informações e demonstra não lembrar muito do seu passado, tendo mais facilidade com seu passado mais recente. Já o falecimento da mãe a marcou e marcou uma etapa da sua vida, pois era muito jovem quando perdeu a mãe.

O fato de ter ficado órfã de mãe, aos cuidados de uma tia, talvez seja o que tenha interferido na vida dessa senhora de forma categórica. Mais tarde sentiu necessidade de ficar em casa, não trabalhar fora, cuidar da casa e do pai e ajudá-lo no ofício de alfaiate.

Dona Dirce vive hoje na mesma casa em que foi morar já mocinha com seu pai. Ficou com ele até seu falecimento e nunca casou e nem teve filhos. Tem como vizinhos seus sobrinhos, seu cunhado Adão Willys e sua irmã Dirce. Passa seus dias tricotando e crochitando e sua garantia econômica vem de uma pensão que vem do seu pai do tempo em que este foi funcionário público municipal.

2.3 VERA FREIRE, A PROFESSORA

A entrevistada Vera Freire, teve um início que podemos considerar como bastante difícil, pois sendo ela ainda uma criança de dois a três anos de idade, precisou ficar interna no Internato Madre Anatólia, em Curitiba, por conta do trabalho da mãe, que era doméstica e não podia ficar com os filhos na casa do patrão. Assim ela foi para este espaço que destinava parte do prédio para crianças iguais as condições desta entrevistada, seu irmão para o Lar Meninos de São Luiz, também em Curitiba, e, a mãe para a casa dos patrões. Na sua narrativa, Vera diz:

“A condição que minha mãe veio de Londrina com a gente (filhos), foi a condição que ela fugiu do marido, porque ela apanhava muito. Ela veio com uma reserva de dinheiro porque ela vendeu tudo o que ela tinha lá, como pratos, panelas, deixando só um copo, um prato, para uso individual do pai...” (VERA FREIRE, 2015)

Este relato refere-se ao ano aproximado de 1952, quando Vera tinha em torno de dois anos de idade. Conta que sua mãe não conhecia ninguém em Curitiba, que ela vendeu o que pode tudo escondido do seu pai e de seus familiares, contando com a ajuda apenas de vizinhos e amigos que tinham pena de sua mãe por conta do seu sofrimento. Sua chegada em Curitiba foi muito difícil, a ideia era a de colocar os filhos na escola para que pudesse trabalhar e tentar manter sua família. O dinheiro que juntou da venda dos utensílios domésticos, era usado na alimentação e no pouso em uma pensão. Na continuidade da entrevista, Vera diz:

“A partir das seis horas da tarde já podia entrar na pensão, que era só para dormir. Posava à noite numa pensão e de dia saía e ficava na Praça Rui Barbosa..., porque ali tinha montes de coisas naquela praça, tinha quartel, tinha segurança..., tinha chafariz, se precisasse lavar a mão ou alguma coisa tinha como..., tinha espaço para brincar...” (VERA FREIRE, 2015)

É possível percebermos como sua mãe era organizada e preocupada com o bem estar dos seus filhos. Procurava economizar o dinheiro que tinha não ficando o dia inteiro na pensão, pois ainda tinha que se alimentar e alimentar duas crianças. Com a sequência de dias ficando na mesma praça e no mesmo local, foi notada por várias pessoas que passavam por ali também todos os dias. Foi um senhor juiz que

“percebeu que minha mãe também era muito jovem... Esse juiz veio conversar com a minha mãe e ela contou tudo para ele... Ele convidou minha mãe para trabalhar

na casa dele... Ficamos um tempo morando num quartinho que tinha lá no fundo da casa.” (VERA FREIRE, 2015)

Com a interferência deste juiz, foi que Vera e seu irmão foram para colégios internos para que sua mãe continuasse no trabalho.

Desse período, Vera narra que o mesmo juiz que empregou sua mãe, para não ter problemas judiciais, precisou alterar a idade de todos, incluindo a idade da mãe, o que fez com que as crianças fossem aceitas nos internatos ainda muito pequenos.

Neste período, havia em Curitiba o serviço do SAM – Serviço de Assistência ao Menor. Foi a este serviço que o juiz em questão recorreu para que as crianças pudessem ficar recolhidas em local seguro para que a mãe pudesse trabalhar na sua casa. Porém a narrativa da Vera, claro citando sua mãe, pois ela era muito pequena e não lembra exatamente dos fatos, diz:

“Aí entra aquela história da idade. Como vai por no colégio uma menina com dois anos... o meu irmão tinha quatro. A minha mãe, que também era nova... Daí ele falou: “são três crianças”. A minha mãe teria que ir para o Lar das Meninas!... O que assustou minha mãe é que eu iria para um colégio de crianças abandonadas... eu poderia ser adotada...” (VERA FREIRE, 2015)

Tal situação foi resolvida com a alteração de idade de todos da família. A mãe teve a idade alterada para quatro anos a mais e as crianças para dois anos a mais. Assim Vera ficou no Internato Madre Anatólia por sete anos consecutivos. Foi onde brincou, aprendeu a ler, a escrever, se cuidar e sentiu o preconceito de cor e de classe por parte das irmãs que eram quem ali estavam para educar as meninas. Sua mãe a visitava nos finais de semana e somente ela penteava seu cabelo, atividade que ninguém do Internato fazia. Vera cresceu, precisou mudar de escola, foi para outro internato em Campo Largo, onde aí já sabia se defender.

Sua mãe conseguiu melhores empregos, ainda por interferências dos patrões que teve. Fez concurso público e se tornou a “moça do cafezinho” na Assembleia Legislativa do Paraná, de onde hoje recebe sua aposentadoria que lhe garante uma boa condição de vida, suprimindo suas necessidades.

Já Vera Freire, cursou magistério no Instituto de Educação Erasmo Pillotto, em Curitiba, uma fase bastante difícil como ela mesma afirma. É formada em

Sociologia pela UFPR. Hoje também é professora aposentada da Rede Estadual do Paraná e da Rede Municipal de Curitiba.

Quando conversamos sobre o que ficou em si que herdou de sua mãe, fala sobre as receitas de sua mãe, que sempre foi exímia na cozinha, além do cuidado com a aparência, com a roupa limpa e alinhada e o zelo pela família.

3 A MEMÓRIA E AS BRINCADEIRAS

Apresento neste capítulo algumas das memórias sobre as brincadeiras que fizeram parte da infância de minhas interlocutoras. Para fazer um contraponto com as questões que serão demonstradas, inicio com um recorte do problemático conto “Negrinha”:

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

_ É feita?... - perguntou extasiada...

...As meninas admiraram-se daquilo.

_ Nunca viu boneca?

_ Boneca? - repetiu Negrinha. - Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade. (LOBATO, 2008, p. 23-24)

Este texto faz parte do conto de Monteiro Lobato que tem como título, Negrinha, escrito em 1923. Embora a escravidão houvesse extinguida em 1888, o racismo estava entranhado nas mentes de muitas pessoas, como ainda o é até hoje.

Desde pequeno trecho do conto, podemos perceber várias questões relacionadas ao preconceito racial e às brincadeiras, que é o tema desta pesquisa, melhor dizendo, às brincadeiras das meninas negras, por isso ele está presente neste texto de pesquisa, por estabelecer as brincadeiras com as temáticas que as senhoras entrevistadas nos apresentam, como veremos mais á frente.

Monteiro Lobato é considerado um escritor que se insere em um lugar crítico na temática das relações raciais pelo fato de insistentemente colocar os negros e as negras em lugar de humilhação, subordinação e chacota nas suas produções literárias. O texto acima citado apresenta situações racistas, estereotipadas e discriminação por conta da cor da pele da “protagonista”; conforme também critica Rafael Porciúncula (2014).

O conto “Negrinha” traz a temática das brincadeiras, brinquedos e meninas negras no país da década de 20. Além das questões de racialidade, é possível refletirmos através dele sobre as relações do brincar destas meninas.

O autor do texto nos apresenta uma menina que não conhecia a boneca como um brinquedo, explicando que a garota percebeu que era uma “menina artificial”. Esta palavra, “artificial” nos aponta para a ideia de um ser que não tem vida, ou alma, como mais à frente o texto comenta, mas já com relação à menina negra, que se percebe na boneca, em semelhança física, corporal, idade. A

diferença é que a boneca é artificial e a menina não porque tem alma, ou seja, emoções e sentimentos.

Assim como a garota do texto, quatro senhoras que hoje tem mais de sessenta anos de idade, foram entrevistadas porque foram crianças, sendo que duas delas na década de 30, e, as outras duas na década de 50, com a finalidade de se saber sobre suas relações com as brincadeiras e com os brinquedos.

No artigo 16 do ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, consta que “O direito a liberdade compreende: ...IV – brincar, praticar esportes e divertir-se; ...” (1990. p.05). Sendo a brincadeira, direito assegurado às crianças em lei a partir de 1990, podemos pensar em como esse direito chegou a ser expresso na lei.

Pesquisando o histórico do brincar em lei, encontramos dados de que após o final da Primeira Guerra Mundial a inglesa Eglantyne Jebb deu início a sua batalha em defesa das crianças, por conta da imensa quantidade destas que ficaram órfãs depois do final da guerra, fundando entidades como o apoio da Cruz Vermelha.

Já em 1948 com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, representada pela Organização da Nações Unidas (ONU), reconhece-se “formal e consensualmente que a criança requer cuidados e atenções especiais.” (CAMPOS, 2012, p. 07). Em 1959, a Assembleia Geral da ONU aprova a Declaração dos Direitos da Criança, colocando em evidência os direitos inalienáveis de todas as crianças, que entre eles, consta no Princípio 7º - “Direito à educação gratuita e ao lazer.”

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 traz o reconhecimento da cidadania infantil no Artigo 227:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.” (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988)

Para só então em 1990, com a regulamentação do Estatuto da Criança e do Adolescente, o brincar aparecer de forma explícita na lei, lembrando que em forma expressa é o único direito da criança, não sendo contemplado como direito dos adultos.

Pensando-se que crianças brincam e sempre brincaram, buscamos por registros escritos que narram tal situação, como também registros visuais, como podemos ver na reprodução da obra “Jogos Infantis” de Pieter Bruegel, 1560. Nesta imagem do século XVI, podemos observar as crianças e adultos divertindo-se em espaço aberto através de várias brincadeiras, como rolar arcos, andar sobre tambores, dando cambalhotas e outras mais.



Figura 3 – Jogos Infantis, Pieter Bruegel, 1560.

Já em textos escritos, podemos observar a tese de doutorado de Maria Walburga quando cita Schiller (1999) infere que “o homem só é inteiro quando brinca e é somente quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra homem”. (WALBURGA, 2010, p. 229).

Tais citações, tanto imagem como texto, mostram que a brincadeira faz parte do desenvolvimento das pessoas e que é, e sempre foi parte inerente em suas práticas. Porém a necessidade desta pesquisa vem em procurar por indicações nas práticas de brincadeiras, com quais destas as crianças negras brincavam no passado e que na atualidade se perpetuam na dinâmica da vida. Pensando na relação cultural do povo africano, na sua tradição oral para preservação da cultura, procuramos pelos indícios dessa ludicidade na tentativa de registrar o que ainda não está tratado em textos escritos, e sim, nas atitudes do dia a dia entre as pessoas bem como no seu passado.

A tradição oral permeia a cultura dos africanos, em específico das comunidades subsaarianas, ou seja, aquelas abaixo do deserto do Saara. Essa tradição, que não é escrita, que não possui registro, poderia ser considerada frágil

na sua permanência, o que não se comprova na sua realidade, uma vez que muitas comunidades negras dão continuidade a essas tradições, como cita Regiane Augusto de Mattos: “...os guardiões da tradição oral, que conhecem e transmitem as ideias sobre a origem do mundo, as ciências da natureza, a astronomia e os fatos históricos. Nessas sociedades de tradição oral, a relação entre o homem e a palavra é mais intensa.” (MATTOS, 2009, p. 19). Portanto na religiosidade, comida, vestimenta, contos e em outros segmentos, até mesmo nas brincadeiras, isso tanto na África como aqui no Brasil, são idosos compartilhando memórias suas e de seus ancestrais aos mais jovens. Nei Lopes, historiador e escritor, comenta que para a filosofia dos povos bantos,

“... todo ser é um elo dentro de uma grande cadeia, a cadeia das forças vitais,... todo ser é ligado a sua ancestralidade na parte de cima e a sua descendência na parte de baixo, você cultua a sua ancestralidade e provê a sua descendência.” (A Cor da Cultura, 2010)

Maria Walburga comenta em sua tese *Saberes da Terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola*, fazendo referência ao início da trajetória do brincar no Brasil pelas crianças negras que:

Algumas brincadeiras descendem do período escravagista no Brasil, como a montaria, que na falta do cavalo, montava-se num moleque, por vezes com uma varinha em punho. Deste tempo também vem roubar papagaio (pipa). Também sabe-se que meninos negros eram admirados pelos meninos brancos, pois eram mais “atirados” nas brincadeiras, giravam melhor o pião, nadavam melhor, eram mais ágeis. (WALBURGA, 2010, p. 115)

Contraopondo a essa citação, temos o que conta Jacyra Sabino sobre sua infância em Curitiba na década de 60, como criança negra, onde, vivendo com sua mãe numa casa de família, auxiliava-a nos diversos afazeres, sendo que um deles era parar durante as brincadeiras com os filhos dos donos da casa e, a pedido destes, ir buscar um brinquedo ou um casaco para essa criança. Ou seja, do período escravagista citado por Walburga para a década de 60, parece-nos que a ideia de o negro em situação de serviçal permanecia.

Como interesse central da temática deste trabalho, brincadeiras, dona Dirce Maria dos Santos, senhora negra de 84 anos de idade, narra uma brincadeira sem

regras, mas apenas uma situação criada entre ela e a irmã com a finalidade de rir e provocar uma a outra. Ela conta:

“a brincadeira que eu me lembro mesmo, era que a minha mãe, ela mandava a gente lavá louça, ... a gente ia lavá louça e ficava brigando, brigando não, era brincadeira entre irmã sabe?... então eu dizia pra ela assim: você vai enxugá. Ela dizia assim: eu não quero enxugá, enxugue você. Aquelas brincadeiras de irmã assim sabe?... A mamãe saiu com o pano, eu me lembro tão bem na minha cabeça! A mamãe saiu com o pano de prato atrás de mim e dela, nós duas pulamos a janela... além de a gente chorá, a gente dava risada,... Mamãe: eu pego vocês. Ela dizia.” (DIRCE MARIA DOS SANTOS, 2015)

Essa situação de duas irmãs apresenta uma brincadeira que vinha de uma suposta disputa entre o lavar e o secar a louça a pedido da mãe a fim de que a ajudassem a manter a casa em ordem. Elas tinham tempo para suas brincadeiras e estudos, mas toda ocasião era uma oportunidade para inventar algo diferente a procura de diversão. Contam que não tinham amigos e não brincavam com vizinhos porque o pai era muito rigoroso nas amizades das filhas porque sabia do preconceito racial que havia na sociedade para com suas meninas, então tentava preservá-las, permitindo que brincassem apenas no quintal da casa com os irmãos mais velhos, já que estas eram as caçulas. A irmã, dona Eunice, hoje com 86 anos de idade, conta que:

“Nossas bonecas fazíamos de espiga de milho, eram nossas filhinhas, chamávamos de Nina. Esse era o nome que eu dava a elas. Motivo: muita pobreza. Meus pais não tinham condições de comprar nada para nós, a não ser a simples alimentação.” (Eunice Willy Dias, 2015).

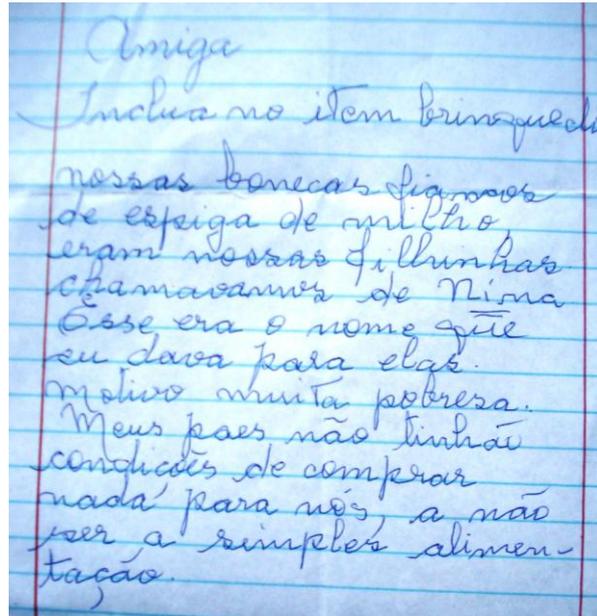


Figura 4 – Relato de brincadeira. Dona Eunice

A brincadeira narrada pela dona Eunice, além de apontar para a questão da desigualdade social, que sua família vivenciava em Curitiba nas décadas de 1930/40, também nos remete a pensar sobre os brinquedos destas meninas, a procura de uma materialidade referente à boneca, ou seja, uma expressão do corpo humano, o que subjetivamente vem com os conceitos de cuidado com o outro, conceitos de maternidade e até de visualidade de uma imagem que reproduz a si próprio, como menina. Referindo-se ainda a pesquisa de Maria Walburga,

“Não se trata apenas de reprodução do mundo adulto, mas de sua recriação do prazer do brincante, liberto do fardo dos afazeres e experimentando transformar a realidade. Representações são manifestações da Cultura e História do grupo e as crianças participam ativamente desse processo, portanto como sujeitos culturais e históricos.” (WALBURGA, 2010. p.118)

Ou seja, a brincadeira é elemento que vem a compor a manutenção da cultura, e, neste caso, além de lazer reproduz comportamentos de adultos, como por exemplo sendo “mamães” das bonecas, ou, sendo elas mesmas como meninas.

Há a possibilidade de se fazer um paralelo direto com o texto de Monteiro Lobato apresentado no início deste capítulo, quando a criança se percebe nas suas brincadeiras de bonecas com a representação de si mesma. Lembrando aqui

também que as meninas negras se percebem nas bonecas comercializadas de maneira distanciada, pois estas são fabricadas sempre com a pele branca e com o cabelo liso, implicando na opinião das meninas que o melhor e mais bonito é ter cabelo liso e pele clara, fazendo muitas vezes com que as mães acabem buscando pelo uso de produtos químicos para tratar dos cabelos das meninas para que estes fiquem mais próximos do padrão de beleza instalado na sociedade, ou seja, o liso.

Outra reflexão possível de se fazer através da narrativa da brincadeira de dona Eunice, é a questão de feminilidade, portanto de gênero, pensando na expectativa da educação dos pais numa sexualidade binária⁴, propondo às meninas ideia de preparação para ser mãe e dona de casa. Jucélia Ribeiro em seu artigo *Brincadeiras de Meninas e Meninos*, comenta:

“Então o comportamento infantil passa a ser socializado logo nas primeiras idades, mas se intensifica quando chega a faixa etária dos 7 aos 14 anos, sobretudo em relação ao corpo e a conduta das meninas. Quanto mais cedo melhor para as crianças não só observarem as práticas de seus genitores, mas para incorporarem as idealizações e representações transmitidas pelas gerações mais velhas.” (RIBEIRO, 2006, p. 155 – 156)

Dessa relação dos adultos com as brincadeiras das crianças, ainda há que se lembrar que são estes que muitas vezes ensinam as crianças a brincarem, e, são até os fornecedores dos brinquedos. Assim diz Walburga:

“O lúdico estaria presente não apenas nas relações entre as crianças, mas entre todos os que compõem o grupo, pois cantigas, músicas, histórias, jogos são elementos que expressam costumes, tradições, transgressões, inovações do universo e que refletem representações do saber histórico e cultural da comunidade.” (WALBURGA, 2010, p. 264)

As diferentes brincadeiras também são resultado das diversas culturas que povoam o mundo, como demonstra o filme documentário *Território do Brincar*, uma produção de Maria farinha Filmes, que teve como narrativa o *brincar* em várias cidades do Brasil. Nele, podemos perceber a riqueza e a criatividade das crianças nas produções dos brinquedos, bem como em formas de tratar o lazer através do lúdico, como por exemplo, a menina que aparece na filmagem rolando nas areias

⁴ - divisão entre masculino e feminino como algo fixo, natural, indiscutível e repleto de verdades inquestionáveis, ou seja, como algo reificado. (CARRIERI; SOUZA, P. 49, 2010)

dos Lençóis Maranhenses, ou, os garotos fazendo pequenos barcos de madeira no casco e plásticos nas velas, entrando no mar para brincar. Ou seja, as brincadeiras também sofrem influência do meio, pois é nele que as crianças buscam recursos para se divertirem. Vera Freire comenta em entrevista do seu tempo de criança no Internato Madre Anatólia aqui em Curitiba, que uma brincadeira comum dela e das outras meninas internas, era fazer bonecos com o caroço da manga. Ela conta:

“No internato do Madre Anatólia, tinha bastante tempo pra brincar. A gente pegava caroço de manga, a gente chupava, chupava até ficar branca, depois a gente lavava, daí a gente penteava, passava sabão, fazia, como que a gente fazia, fazia pastinha, fazia aquelas ondinhas, punha um olho de cada lado, desenhava, raspava para ficar nariz... e penteava. E eu lembro assim, tudo o que se relacionava a cabelo, a pentear, eu tinha assim verdadeira paixão. E eu não podia fazer isso comigo, porque era pixaco.” (VERA FREIRE, 2015)

O relato desta entrevista, também nos traz a relação da menina negra com seu cabelo no que se refere a preparação da manga, sobre lavar o caroço, sobre como fazer a pasta com água e sabão para poder modelar o cabelo, poderiam ser movimentos do brincar a fim de se aproximar de um padrão de beleza, algo tão peculiar deste grupo de meninas, as questões de padrão de beleza, dificuldades e/ou facilidades para seus cuidados, o que também é um elemento da cultura do povo negro. Neste relato temos então o cabelo como elemento das brincadeiras.

Trechos de histórias como essas narradas pelas reais protagonistas, nos permitem perceber que o tratamento dado pelas crianças brancas às crianças negras nas décadas de 30, 40 e 50 eram representações de atitudes de discriminação racial, atitudes estas normativas para a época, ou seja, o racismo, lembrando que:

“A ideia de “raças humanas” nasceu quando os cientistas europeus tentavam categorizar as diferenças entre as populações que viviam afastadas da Europa e usavam a aparência física para justificar uma suposta diferença biológica. Assim, a ideia de superioridade da raça branca, supostamente comprovada pela ciência, passou a justificar procedimentos de dominação de outros povos, como a escravidão e o colonialismo.” (OLIVEIRA, 2014, p. 113)

Essa ideia de superioridade nas raças nos põe mais uma vez em reflexão no conto A Negrinha, tratando da situação de uma menina negra dos anos de 1920 que, quando descobriu que era diferente de uma boneca, que não era artificial, mas

que tinha alma, sentimento e emoções, morre. Morre porque o autor do texto assim o preferiu escrever, quando poderia colocar a menina numa situação em que fosse melhor tratada após se perceber como um ser detentor de alma, no contato com a boneca. Ou seja, sem os maus tratos da sua madrinha, mas sim com condições de tratamento como uma pessoa de direitos, como alimentar-se adequadamente, vestir-se apropriadamente, ter calçados, frequentar escola, enfim, ter uma vida digna como as sobrinhas da madrinha, que vieram passar as férias na fazenda tinham. É possível pensarmos que o autor do texto nem tenha feito essa reflexão quando o escrevia, uma vez que dados registrados apontam para a concordância deste escritor com os pensamentos racistas da *Ku Klux Kan*, como aponta em sua pesquisa Rafael Porciuncula:

Especificamente sobre a conexão entre a entidade e os atos violentos, pode-se destacar a correspondência enviada por Lobato a Rangel, em 1905, na qual afirma já ter sido convidado a participar da —Irmandade do Santíssimo Sacramento, espécie de Ku-Klux-Klan local, inofensiva e de balandrau roxo, em vez de branco à moda americana. (PORCIUNCULA, 2014, p. 145)

Podemos observar que o racismo exposto por Monteiro Lobato no conto *A Negrinha*, pelo fato de a personagem central passar pelas situações de preconceito e morrer, é a mesma forma que podemos observá-lo na atualidade em nossa sociedade, mesmo com quase um século de sua publicação, contribuindo para denotar legitimidade em posturas racistas que muitas pessoas demonstram em atitudes e falas.

É notável que o brincar faz parte da construção da história e da vida das pessoas. Uma atividade que começa na infância e pode se estender por toda a sua vida, complementando o ser humano e fazendo com que ele se aproxime cada vez mais de si mesmo, de sua história e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez que um velho morre na África, é uma biblioteca que se queima. Foi este ditado popular do continente africano que motivou a pesquisa desenvolvida neste trabalho. Havia, por intenção inicial, pesquisar a cultura afrodescendente visando uma aproximação do conhecimento dos saberes das idosas negras com o que temos de conhecimento de senso comum deste grupo de pessoas.

O ditado popular acima citado aponta para a importância que o povo africano dá para o idoso em sua sociedade, para a valorização do conhecimento destes e sua preservação através de seus descendentes.

Para chegar a conhecer um pouco mais dos saberes das idosas negras e como são passados esses saberes para as próximas gerações, é que foi selecionada a temática das “brincadeiras”.

Esse assunto – brincadeiras – foi escolhido por conta de que ele poderia ser um assunto que interessasse às várias gerações, idosos e crianças, por exemplo, avós e netos, como elos de uma corrente. Além deste, as brincadeiras são momentos de lazer e de aprendizagem, passam por situações de afetividade, portanto de relações pessoais.

As mulheres, na composição das famílias, são quem se destinam aos cuidados dos filhos, dos alunos, dos filhos da patroa, entre outros. O cuidar, alimentar, educar, brincar, muitas vezes é uma atividade mais feminina do que masculina, não excluindo os homens desta atividade, pois estes são os pais, tios, avós das crianças, e, faz-se necessário lembrar das famílias homoafetivas, onde os filhos são educados por duas mães, ou dois pais, portanto homens. O que podemos perceber é que a mulher, no decorrer de sua história, ficou mais próxima desta atividade comparada aos homens.

Para poder conhecer mais essa mulher que educa e brinca com as crianças, a que poderá passar seus conhecimentos, seus saberes culturais para as gerações seguintes, é que foi preciso ir em busca de informações sobre ela, entendendo-a como um dos elos da corrente.

Situando-a no Brasil como espaço e buscando por sua história, encontramos os desafios que essa mulher passou e ainda passa para poder garantir sua sobrevivência, bem como a dos seus, e, a preservação e propagação da cultura do

seu grupo étnico ou de convívio, buscando pela construção de sua dignidade diante da vida.

Foi possível perceber que a mulher negra vive situações de racismo e discriminação, ou seja, tanto sua raça – cor, assim como o gênero, são questões que muitas vezes são percebidas como inferiorizadas na sociedade. Este é um exemplo da discussão sobre interseccionalidade, onde mais de um motivo é dado para a sua subordinação diante das demais pessoas.

Essas discriminações aparecem claramente não só através dos materiais já produzidos sob tal temática, como artigos, dados estatísticos, textos jornalísticos, como também na narrativa das quatro mulheres negras e idosas entrevistadas.

Hoje, temos muitas mulheres como responsáveis pelo sustento da sua família. A busca por suprir as necessidades desta, é que se dá de forma precária, por conta da baixa renda que muitas têm por ter um trabalho que não é reconhecido em sua remuneração.

Geralmente estas mulheres se encontram como trabalhadoras domésticas e babás. Elas deixam suas casas para cuidar de outras famílias, deixando os seus aos cuidados de outros ou em creches.

A ascensão para salários melhores viria junto de outras formas de trabalho, o que traz consigo a necessidade de conclusão dos estudos de Ensino Fundamental, Médio e até o Superior. Contudo, a maioria das mulheres negras não consegue concluir seus estudos por iniciar no mercado de trabalho ainda na infância.

O fato de muitas delas precisarem ingressar no trabalho ainda muito jovem, além de as colocarem distantes dos estudos, pode também afastá-las das brincadeiras. Como foi o caso da entrevistada Jacyra, que ainda criança, trabalhava e brincava na casa em que sua mãe era empregada doméstica.

Das entrevistadas que aqui apresentamos, três delas trabalharam na educação formal, como professoras e educadoras. Apenas uma teve formação em Ensino Superior, duas em Magistério, ambas em idade correlata, ou seja, ainda jovens. Uma terminou seu Ensino Médio adulta e a última concluiu apenas o Ensino Fundamental.

Três delas têm netos e conseguem ensinar a eles brincadeiras que lhes foram ensinadas quando estas eram crianças, principalmente no que se refere às

músicas infantis. Como tiveram atuação profissional na educação, também fizeram esse exercício com seus alunos e alunas.

Duas das entrevistadas, Vera e Jacyra, tiveram um tempo de sua infância vivendo em escola em sistema de internato sob a responsabilidade de freiras, onde eram ensinadas a tudo, desde a tomar banho, comer, ler, escrever e a brincar.

Nestes colégios internos, tinham como obrigação ajudar na limpeza e organização do espaço. Conviviam com outras meninas, com quem brincavam de roda, amarelinha e pular corda. Vera e Jacyra não perceberam situações de racismo pela sua cor nestes colégios através das outras meninas, mas sim a partir das freiras que as educavam.

Contam que olhavam as bonecas que as meninas brancas e ricas ganhavam dos seus familiares, eram bebês grandes, bonitos e gostosos de pegar. Às vezes as meninas, donas dessas bonecas, deixavam elas pegarem um pouquinho na mão.

Já ambas, Vera e Jacyra, contam que brincavam com bonecas de papel. A Jacyra ganhou uma destas da sua mãe em uma de suas visitas no internato. Lembra com saudade dessa boneca. A Vera narrou que ela fazia essas bonecas de papel e que as guardava numa caixa de fósforos.

As mães destas duas entrevistadas trabalhavam em casa de família como domésticas, como elas “moravam” no local de trabalho, as filhas não puderam ficar junto. As mães as visitavam aos domingos. Já Vera, conta que quando a mãe vinha lhe ver, penteava seu cabelo e conversava com ela. Nem a Vera e nem outras meninas tinham coragem de contar para suas mães os maus tratos vividos a partir das atitudes das freiras, com medo das represálias nas semanas seguintes. As mães podiam reclamar sobre os tratamentos inadequados, mas as filhas podiam perder a vaga nos colégios.

Observa-se o fato de Jacyra e Vera terem vivido distantes de suas mães por conta do trabalho destas, e de não haver nenhum tipo de contato com os pais, os quais elas chegaram a conhecer. Jacyra e Vera têm histórias semelhantes de infância, porém a continuidade da vida é diferente entre elas. Vera fez Magistério, faculdade de Sociologia na Universidade Federal do Paraná, trabalhou como professora do Ensino Fundamental. É casada, tem dois filhos e dois netos. Conheceu a Jacyra há aproximadamente três anos num curso de pintura em tela.

Dona Dirce é irmã de Dona Eunice e foram entrevistadas separadamente, lembraram de situações diferentes quando indagadas sobre suas brincadeiras de infância e puderam narrar suas respectivas trajetórias de vida dentro de suas particularidades, e, várias vezes incluíam a irmã nas suas narrativas.

Dona Dirce não teve muito o que contar de sua memória sobre suas brincadeiras, dizia que talvez sua irmã Eunice lembrasse mais. Possivelmente por conta de sua idade avançada, oitenta e quatro anos de vida. Hoje tem sua independência financeira por causa de uma pensão que herdou do pai, de quem ela cuidou na sua velhice.

Dona Eunice, irmã de dona Dirce, é a penúltima filha do total de onze filhos dos seus pais. Ainda jovem de treze anos sua mãe faleceu ela com sua irmã foram cuidadas pelo pai e pela dona Cecília, que pela narrativa de Dona Dirce era uma espécie de ajudante do seu pai nos cuidados com as meninas e com a casa.

No caso dessas irmãs, que não tiveram a necessidade de ficar num internato para as mães trabalharem, pois a mãe destas era do lar, elas foram limitadas no convívio com a matriarca, porque ela faleceu em decorrência de um câncer.

Dona Eunice conta que sua família era muito pobre, seus brinquedos eram bonecas de sabugo de milho, que só podiam brincar entre os irmãos dentro do espaço da casa e do jardim.

Seus pais eram rigorosos e não as deixavam brincar com outras crianças, com os vizinhos por exemplo. É possível refletir sobre o fato de estas meninas terem sido preservadas pelos pais do racismo de outras crianças, já que não tinham permissão para brincar fora de casa.

Com estes relatos das quatro senhoras negras e com idade acima de sessenta anos de idade que moram e viveram em toda sua existência até aqui na cidade de Curitiba, podemos observar que quando crianças, puderam exercer o direito a brincadeira, ao lazer, a diversão. Porém com as estranhezas que a pobreza e a cor da pele ocasionam nas relações humanas. Em meio às situações de brincadeiras, essas meninas que hoje são senhoras, já desde cedo vivenciaram o que se busca incansavelmente na sociedade, nas escolas, nas relações de vizinhos e em outros ambientes, que é o aniquilamento do racismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n. 1/92 a 67/2010, pelo Decreto n.º 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n.º 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2011.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, Distrito Federal. 2004.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata**: Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 10ª Edição – Brasília: Câmara dos deputados, Edições Câmara, 2013.

_____. **Estatuto do Idoso**. Legislação sobre o idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do idoso) e legislação correlata – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

CAMPOS, H. G. **A História e a Formação para a Cidadania nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Saraiva, 2012.

CARDOSO, C. P. **Outras falas**: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. Salvador, 2012. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>. Acesso em 08 de março de 2015.

CARRIERI, A. de P., SOUZA, E. M. de. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, Edição Especial. São Paulo, SP. Mai/Jun. 2010. p. 46-70. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/1712>. Acesso em 14 de junho de 2015;

CURITIBA, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba**. Ensino Fundamental. Curitiba: SME, 2006 – v.3.

DIAS, E. W. **Entrevista concedida à Lucinéa Dobrychlop**. Curitiba, 2015.

FERREIRA, M. O. V. Gênero e valorização profissional da docência. **Revista Matria**, Brasília, vol.1, n. 13, mar. 2015.

FREIRE, M. V. **Entrevista concedida à Lucinéa Dobrychlop**. Curitiba, 2015.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Tradição Oral. In: **A Cor da Cultura**. DVD 2. Episódio 4; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

LIMA, H. P. Ludicidade – A percepção das relações raciais na Educação Infantil. **A Cor da Cultura**; v. 5. Modos de Brincar: cadernos de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.
LOBATO, M. **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2008.

MARCONDES, M. M. et al. **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: IPEA, 2013.

MATTOS, R. A. de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, D. R. de e MIGUEL, A. S. B. A nova concepção de creche pós-LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96). **Revista Fafibe On-Line** — ano V – n.5 Bebedouro, Nov./2012. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/21/21112012211307.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2015;

OLIVEIRA, M. A mão afro-brasileira – arte africana. **Olhando para nós mesmos**: alfabetização da diáspora e Educação das Relações Étnico-Raciais / Hilton Costa, Paulo Vinícius Baptista da Silva (orgs.). – Curitiba: NEAB – UFPR, 2014.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PORCIÚNCULA, Rafael Fúculo. **As idéias raciais na obra de Monteiro Lobato: ficção e não ficção**. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Letras – Mestrado do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/ri/2668/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_Rafael_F%C3%BAculo_Porci%C3%BAncula.pdf

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, (14), Fev./1997, p. 25-39;

_____, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RIBEIRO, J. S. B. **Brincadeiras de meninas e meninos**: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. Cadernos Pagu (26), janeiro – fevereiro de 2006: Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10234/1/Dissertacao%20Jucelia%20Ribeiroseg.pdf>. Acesso em 08 de março de 2015;

SABINO, J. **Entrevista concedida à Lucinéa Dobrychlop**. Curitiba, 2015.

SANTOS, D. M. **Entrevista concedida à Lucinéa Dobrychlop**. Curitiba, 2015.

Seminário sobre as condições das trabalhadoras domésticas. 29/06/2011. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=9262&catid=10&Itemid=9

SILVA, T. D. Panorama Social da População Negra. **Igualdade racial no Brasil:** reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes. Brasília: IPEA, 2013.

Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_igualdade_racial_brasil01.pdf. Acesso em 15 de julho de 2015.

UNESCO. **História Geral da África I:** Metodologia e Pré-História da África/ editado por Joseph Ki-Zerbo – 2ª Ed. Rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

WALBURGA, M. dos S. **Saberes da Terra:** o lúdico em Bombas, uma Comunidade Quilombola. São Paulo, 2010. Tese (doutorado). Faculdade de Educação. Disponível em www.teses.usp.br/disponiveis. Acesso em 08 de março de 2015.

WOORTMANN, K. **A cidade das mulheres.** Salvador: Tempo Brasileiro, 1987.